

Le Colloque “Femme et écriture dans la péninsule ibérique”

Les 18, 19 et 20 octobre 2001, à l’initiative de Nadia Mekouar et de Maria Graciete Besse, s’est réalisé à Pau et à Biarritz, un Colloque international consacré à l’écriture des femmes ibériques qui a permis de réunir une cinquantaine de chercheurs venus d’horizons divers. Réalisé dans le cadre des activités du Laboratoire de Recherches en Langues et Littératures Romanes de l’Université de Pau, dirigé par Christian Manso (voir entretien plus loin), ce Colloque a constitué une contribution non négligeable à la recherche sur l’écriture produite par les femmes portugaises et espagnoles, ou celle mettant en scène des images féminines complexes.

Aussi bien au Portugal qu’en Espagne, la condition féminine s’est développée lentement. Même si on peut noter, dès le XIXe siècle, la présence des femmes dans la presse et en littérature, force est de constater que leurs œuvres manquent de régularité et de continuité. Depuis, la situation a bien changé... Aujourd’hui, la présence des femmes est extrêmement importante dans les littératures ibériques, devenant un vrai phénomène de société. C’est à partir de ce constat que les conférenciers ont interrogé, de façon complémentaire, les deux univers littéraires et débattu des changements culturels à l’œuvre dans la Péninsule. Nadia Mekouar et Pedro Eiras, qui ont eux-mêmes présenté des communications remarquées, nous proposent ici le bilan de ces journées d’études où la rencontre entre les littératures de l’Espagne et du Portugal, peu fréquente dans le monde universitaire, s’est révélée fort stimulante.

Maria Graciete Besse

Algumas reflexões a propósito do colóquio

Os estudos de literatura escrita por mulheres incorrem frequentemente em riscos de essencialismo. Para operar o corte epistemológico, seria necessário, aos olhos da nossa cientificidade clássica (válida para o estudo da literatura?), definir o que seja específico da escrita feminina e, por outro lado e por oposição, da escrita masculina. Como se sabe, as tentativas para descobrir a literariedade, essa outra essência, como uma propriedade presente em todos os textos literários e ausente em todos os textos não literários, desde o Formalismo russo, também nunca alcançou solução. “A” literatura

feminina pode ser inacessível como conceito. É óbvio, porém, que os conceitos, com todos os seus pecados, permitem dizer (criar) utilmente realidades que não existiam antes, e rever o mundo à luz de uma nova segmentação. Toda a dúvida no *modus operandi* desta segmentação nova consiste, na verdade, em recorrer aos conceitos de um ponto de vista absoluto, como realidades inquestionáveis e eternas, ou como jogos de linguagem (Wittgenstein) que permitam redescrever o mundo e agir nele de forma eficaz (Rorty).

A segmentação homem/mulher é, já de si própria, questionável,



Maria Velho da Costa, romancière



Maria Isabel Barreno, romancière et essayiste

num momento histórico em que as metanarrativas (patriarcado, casamento, heterossexualidade...) se esboroam; mesmo “biologicamente” (as aspas dizem que esta segmentação sociedade/natureza é também relativa), as identidades confundem-se quando se vai tornando viável mudar de sexo, ou imaginável o homem engravidar. Em termos de erotismo, por fim, resta saber se a descrição de um erotismo masculino *versus* (?) um erotismo feminino tem cabimento, e se não é preferível um jogo de linguagem conjugando hetero-, homo- e bissexualidade, por exemplo.

O pensamento não exige, ao contrário do que costuma pensar o platonismo científico da nossa civilização, que se abstraia sempre da realidade accidental para um essencialismo dogmático. O essencialismo está sempre errado, e cabe sempre à geração seguinte à do seu estabelecimento rever a linguagem entretanto caduca. Wittgenstein afirmava que precisávamos de atrito para caminhar e sugeria, como palavra de ordem: “Voltar à terra firme!” Os estudos da literatura de mulheres, seja nos seus primórdios europeus (sob a inspiração de *Le Deuxième Sexe* de Simone de Beauvoir), seja na longa tradição dos *gender studies* americanos (aliás impulsionados pelos fortes movimentos de emancipação da

mulher na América), seja ainda no (re)impulso europeu mais recente, encontram-se no cerne deste paradoxo: deverem tratar de um objecto que, cientificamente, em si próprio, parece indefinível. (Mas não começaram assim muitas - ou todas as - ciências?) Resta lembrar que muitas vezes usamos os conceitos sem nos perguntarmos sobre a sua essência e, como demonstram as *Philosophical Investigations*, é esse uso que constitui o próprio objecto.

Considero que é importante pensar o conceito de literatura de mulheres reinserindo-o sempre nos contextos históricos; se não existe, como creio, essência universal da literatura feminina, existem todavia usos historicamente situáveis, convergências temáticas ou estilísticas, um acontecimento da mulher escritora em determinada sociedade. É nessa diferença localizada, de ser mulher e não homem, que se gera algo diferente na escrita, a não confundir, simplesmente, com uma suposta “feminilidade” essencial.

Foi sobre estes usos da escrita que o Laboratoire de Recherches en Langues et Littératures Romanes, Études Basques, Espace Caraïbe organizou um colóquio em Pau e Biarritz, nos dias 18, 19 e 20 de Outubro de 2001, intitulado “Femme et Écriture dans la Péninsule Ibérique”. O ambicioso projecto de Maria Graciete Besse e Nadia Mekouar consistiu na aproximação, nunca realizada até aqui, das escritas de mulheres de Portugal e Espanha. Este encontro peninsular, com comunicações de elevado valor, permitiu salientar alguns pontos de contacto, nomeadamente o paralelo de experiências históricas (procura da república, totalitarismos fascistas, libertação política desde a década de ‘70, capitalismo e pós-modernidade actuais). Perante este contexto, pensou-se não apenas a mulher escritora, mas também a mulher personagem e a mulher leitora.

Sublinho a contextualização da escrita/leitura nos tempo e espaço peninsulares porque a este nível do colóquio se gerou, talvez, o mais profundo retrato do que seja a rela-

ção da mulher com a literatura. Assim, Maria Graciete Besse expôs como o 25 de Abril marca em Portugal o advento de uma literatura de mulheres, e em especial de uma nova literatura do erotismo, que apenas alguns livros como *Novas Cartas Portuguesas* de Maria Velho da Costa, Maria Teresa Horta e Maria Isabel Barreno tinham anunciado em 1972 (e, de resto, com sintomático escândalo). A partir daqui, pode-se delinear toda a escrita de mulheres em Portugal a partir dos cânones que essa escrita veio negar. Ou seja, a escrita de mulheres começou por ser, dir-se-ia, uma negação de versões oficiais da literatura (versões, já se sabe, patriarcais, falocêntricas, machistas, e onde o corpo feminino é mais objecto que sujeito), para, numa fase posterior, se definir como afirmação. A escrita feminina tem de trabalhar, inicialmente pelo menos, com materiais linguísticos e literários masculinos. É exemplar, a este nível, a reescrita da *Antígona* de Sófocles e de Anouilh por María Zambrano, estudada por Annick Duny num atento e frutífero *close reading* das revisitações do mito. Em Portugal, enfim, assistimos hoje a uma idade de ouro, uma verdadeira constelação de escritas de mulheres, aliás não só na literatura, como também no ensaísmo sobre a literatura, como mostrou José Carlos Santos.

Se a história (ou a morte da história, a queda das metanarrativas) importa, é porque diz *qual* narrativa é negada pela mulher escritora, e *qual* narrativa é afirmada por ela. Em vez de nos perguntarmos “*o que é* o feminino na escrita?”, podemos pensar “*quando* há feminino na escrita?” (adapto assim uma inversão do pensamento já experimentada por Nelson Goodman a propósito da ideia de literariedade). A literatura do imediato pós-25 de Abril parece-me exemplar a este nível, porque se define aí uma *certa mulher* (que não é a mulher platónica) e os seus sonhos de liberdade a vários níveis; da mesma forma, o colóquio permitiu pensar qual seria o retrato da mulher nos anos ‘80, ‘90, ou no

século XXI. Parece-me útil ver como cada escrita promove um retrato, uma experiência de feminilidade (em vez de procurar *um* modelo *único* do feminino a que todas as escritas de mulheres deversem corresponder). O nietzschiano “torna-te quem és” passa aqui por uma experiência de escrita e cosmovisão novas. Exploraram-se assim diversos tipos de retrato: a mulher que se torna mulher pela experiência do corpo e de uma corporeidade lata que engloba a própria casa como um corpo de metamorfoses, em Maria Isabel Barreno (Paulo Alexandre dos Santos); a inclusão de si numa linhagem de mulheres, atenta a uma diacronia infinita (mulher, mãe, avó, bisavó...) e a uma sincronia da proximidade de outras mulheres, em Agustina Bessa-Luís ou Maria Velho da Costa (Claire Williams); a experiência ora física ora metafórica de dar à luz, gerando a própria mãe, na poesia espanhola contemporânea (Emmanuel Le Vagueresse), ou gerando a si própria, na literatura portuguesa (Maria Graciete Besse); o endereçamento de um eu feminino e maternal à criança, na literatura de infância ao longo da História de Espanha (Jaime García Padrino).

A escrita de mulheres surge-me como resposta a uma situação muito determinada, negação de um modelo masculino, e experiência, sempre renovada e singular, de formação de si. É interessante pensar, na senda do estudo de Michèle Ramond, que estas escritas de mulheres se definem mais por uma “quête” do que por uma “conquê-

te” (masculina); penso, contudo, que as diversas “quêtes” femininas são plurais e historicamente localizadas, e que hoje existem narrativas de “conquête” escritas por mulheres (tal como um Rui Nunes, invertendo também a dicotomia, escreve “quêtes”). Mas o grande subversor desta definição, como Michèle Ramond assinala, é já Proust (que foi talvez, e não por acaso, o escritor masculino mais citado no decorrer do colóquio). Em *À la Recherche du Temps Perdu*, encontramos o corpo, a casa, a intimidade, a introspecção que não podem, por isso mesmo, ser atribuídas (exclusivamente) à escrita das mulheres; encontramos em Proust, de resto, a compreensão de algumas cosmovisões femininas que o modernismo português, pela mesma altura, procurava estudar, reproduzir ou imitar, sem deixar de cair porém em preconceitos e numa leitura *kitsch*, senão machista, do feminino (caso da “figura” feminina Violante de Cysneiros, isto é, o poeta Armando Cortes-Rodrigues, estudado por Ana-Maria Binet, e da Judite de *Nome de Guerra* de Almada Negreiros, lido por Dionísio Vila Maior). A “quête” não é, na minha opinião, o feminino. É, contudo, um jogo de linguagem por que a mulher pode devir mulher, auto-formando-se (mas pelo qual também o homem alcança, como em Proust, uma identidade).

Termino esta breve reflexão com a interrogação sobre esta palavra. A identidade, a coincidência de si consigo mesmo não são dados inquestionáveis. Em *Éperons. Les*



Sophia de Mello Breyner Andresen, poète.

Styles de Nietzsche, Jacques Derrida mostrava já como a mulher atacada no discurso misógino era na verdade masculina, e como toda a nossa concepção da identidade sexual consiste num discurso sem fundamentação. Não deixa de ser verdade, contudo, que existe, e o colóquio “Femme et Écriture dans la Péninsule Ibérique” mostrou-o claramente, que existe uma “retórica da diferença” definida (Maria Graciete Besse) a nortear a escrita das mulheres (e, como consequência, dos homens) na actualidade. Mais frutífera do que a identidade é, penso eu, a escrita do texto como experiências de uma dicção de si; mais importante e urgente do que a coincidência de si consigo mesmo é a metamorfose e o devir do próprio.

Ou seja: o que é preciso é escrever sem programa. Sem saber exac-

Rencontre avec Christian Manso

Latitudes — Vous dirigez depuis quelques années le Laboratoire de Recherches en Langues et Littératures Romanes à Pau. Quelles sont les activités que vous y développez ?

Christian Manso — Les activités développées au sein de ce Laboratoire sont multiples. Prédominent les rencontres scientifiques sur les différents fronts de recherche qui font l’originalité de ce Laboratoire ainsi que sa spéci-

ficité eu égard à son implantation géographique; le domaine occitan ainsi que celui du basque se marient harmonieusement aux cultures péninsulaires; quant à la Caraïbe, son ancrage tient aux relations étroites entretenues par notre Université avec l’île de Cuba. D’autres types d’activités se concentrent sur l’organisation de séminaires, de rencontres pluridisciplinaires sur des thèmes arrêtés au sein

du Laboratoire; enfin l’activité des publications ne saurait être omise!

Latitudes — Le colloque sur l’écriture des femmes ibériques fait partie des nombreuses manifestations organisées par votre Laboratoire. Quel bilan faites-vous, à la suite de ces travaux ?

C. M. — Le Colloque International a été une grande réussite eu égard à la qualité des prestations scientifiques, certes, mais aussi par le fait

qu'il a réuni des intervenants d'horizons fort divers, ce qui, à mes yeux, est un gage de son retentissement international ainsi que de sa crédibilité scientifique. En outre, la coordination hispano-portugaise a été très efficace; elle a créé une dynamique certaine et a contribué à ce succès.

Latitudes — Est-ce que ce colloque a permis de mettre en évidence la spécificité de la création féminine ibérique?

C. M. — Je pense que dans une large mesure la spécificité de la création de la femme ibérique a été mise en évidence. En effet, au fur et à mesure des interventions se sont dégagées des constantes esthétiques, thématiques, idéologiques, qui tissaient des liens étroits entre toutes les femmes de la péninsule. A noter que ces constantes s'observaient plus précisément dans la production littéraire de cette fin du XX^e siècle qui a vu tant en Espagne qu'au Portugal des changements politiques très significatifs.

Latitudes — Il n'est pas très fréquent que l'Université s'intéresse à l'écriture produite par les femmes... Pourquoi, d'après vous? S'agirait-il d'une "littérature mineure"?

C. M. — L'Université en tant qu'institution est encore marquée par ses pesanteurs sociologiques, cela ne fait pas l'ombre d'un doute et je suis persuadé que dans l'esprit de certains universitaires l'écriture des femmes demeure un objet de bien peu de consistance ! Pour ma part

je dirai que cette littérature n'est pas considérée comme "mineure", mais plutôt comme marginale, ce qui n'est pas du tout la même chose ! En effet, elle dérange, fait grincer des dents comme tous les êtres qui émergent à la marge... et se taillent petit à petit une place au soleil !

Latitudes — Il n'est pas non plus très fréquent d'associer le Portugal et l'Espagne dans une démarche scientifique de ce type. En général, ces deux mondes ne se regardent pas beaucoup, même si depuis quelques années la situation a bien changé. Pensez-vous qu'une meilleure connaissance mutuelle peut passer par la rencontre des professeurs de littérature ?

C. M. — Certes, il n'est pas fréquent d'associer Portugal et Espagne; c'est un tort à mon sens! A Pau cela s'imposait en raison de ce que j'ai dit précédemment. Je regrette pour ma part qu'il se soit produit dans l'Université française une rupture entre lusistes et hispanistes. Je crois en la synergie de ces deux cultures et lorsque j'étais Doyen de cette Faculté des Lettres j'ai tout mis en oeuvre pour développer l'enseignement du Portugais afin qu'il ait une place de choix et collabore étroitement avec les hispanistes. J'ai bien du mal à comprendre comment les Portugais qui en 1713 mettaient en avant qu'ils étaient autant espagnols que les Espagnols eux-mêmes n'ont pas joui de plus d'estime de la part des Espagnols! En ce moment ces deux peuples se rapprochent, ce qui me semble très naturel eu égard

au fait qu'ils ont la même mère ! Certes, les rencontres de professeurs de littérature sont on ne peut plus conseillées pour le rapprochement souhaité: la littérature qui révèle l'état du pouls d'une société à un moment donné de son histoire, montre, en l'occurrence, que ce pouls bat à l'unisson dans la péninsule !

Latitudes — Est-ce que la littérature portugaise vous intéresse ?

C. M. — Oui, pour ma part je lis avec beaucoup de plaisir certains auteurs portugais contemporains dont l'intelligence et la pétillance d'esprit est stupéfiante. Je ne vous dirai point lesquels, mais avec ce que je viens de dire il me semble facile de les identifier !

Latitudes — Quelle place occupe le Portugais au sein de votre Laboratoire de recherche ?

C. M. — Le Portugais est officiellement répertorié dans le secteur Recherche (E.A.1925) de même qu'au niveau du DEA, ce qui sous-entend que toute latitude lui est donnée pour travailler sans entrave et développer ses activités. On pourrait très bien concevoir que dans l'avenir se développe un pôle recherche à part entière.

Latitudes — Quels sont vos projets pour cette année ?

C. M. — Dans l'immédiat un Colloque International sur le poète mexicain Jorge CUESTA. Dès 2002, un Colloque International consacré à la langue occitane, des rencontres avec des écrivains d'Amérique du

"Femmes et écriture dans la péninsule ibérique" : le cas de l'Espagne

En octobre 2000 s'est tenu à l'Université de Pau et des Pays de l'Adour un colloque international centré sur l'écriture des femmes dans la péninsule ibérique. *Femmes et écriture dans la péninsule ibérique* offrait une ouverture suffisamment vaste pour réunir dans une même problématique des thématiques variées - Variations, Écri-

ture et Identité, L'univers des femmes, Femmes au présent, Femmes au passé, Renouvellement, Étude de cas : tels étaient les titres des ateliers de travail durant les trois journées qu'a duré le colloque - mais aussi des ères géographiques, sociales, culturelles, politiques différentes, comme l'Espagne et le Portugal. L'objectif n'était pas de trouver

des points communs, pas plus que des points de divergence, entre ces deux ères. De même, l'ambitieux projet de trouver des traits constitutifs et définitifs de l'écriture des femmes dans la péninsule ibérique n'était pas à l'ordre du jour. Non, il s'agissait tout simplement de faire se rencontrer des auteurs féminins disparates appartenant peu ou prou à une généra-

tion ayant commencé à publier (que ce soit des romans, du théâtre, des essais ou de la poésie) aux alentours des années 75.

Dans les deux cas toutefois, c'est un événement d'ordre politique (la Révolution des Oeillets de 1974 au Portugal, la mort de Franco en 1975 en Espagne) qui a permis l'émergence d'une littérature nouvelle où la présence des femmes est fondamentale. L'essentiel des communications a ainsi porté sur les auteurs contemporains et les productions littéraires postérieures à cette période sans omettre pour autant quelques figures souvent méconnues qui ont joué un rôle indéniablement précurseur.

Dans le cas de l'Espagne, cette dernière décennie, et plus particulièrement ces deux dernières années, ont été marquées par "l'éclosion" de la production littéraire féminine en Espagne. De nombreuses revues littéraires (*Leer*, *Qué leer*, *Quimera*, etc) ont mis en évidence ce phénomène. Il suffit de se référer à l'un des numéros de *Leer* relativement récent (juin 2000) pour mesurer l'ampleur de la tendance. Le titre en est on ne peut plus évocateur : *LIX Feria del Libro en Madrid. El boom de las mujeres*. Assez démonstratifs également sont les prix de plus en plus nombreux attribués à des écrivains féminins. L'année 2000 a été particulièrement fructueuse : le premio Planeta pour Espido Freire (*Melocotones belados*), le premio Azorín pour Dulce Chacón (*Cielos de barro*), le premio Alfaguara pour Clara Sánchez (*Últimas noticias del paraíso*) ; dans le domaine de la poésie, le premio Hiperión pour Esther Giménez et le premio Adonais pour Irene Sánchez. De façon évidente, par conséquent, la création littéraire féminine - création romanesque dans sa grande majorité, mais aussi poétique et dramatique - devient le centre d'intérêt du public, des médias dans toute leur diversité et des universitaires espagnols. Il semble donc que le paysage littéraire espagnol s'enrichisse d'un nouvel élément qu'il faut désormais prendre en considération, y compris - peut-être - pour le remettre

en question en tant que "nouveau-té", pour en nuancer l'ampleur réelle et la portée effective.

Les auteurs évoqués l'ont été essentiellement au travers d'un ou de plusieurs de leurs textes. Autrement dit, a toujours prévalu le produit écrit sur l'auteur de cet écrit.

Cependant, on peut remarquer que bon nombre d'études se sont centrées sur un écrit mettant en scène l'acte d'écriture, la prise de parole écrite par une ou des femmes. Se dégage ainsi une première catégorie d'écrits réfléchissant l'acte d'écriture et, d'une façon plus ou moins diffuse et sans pour autant prendre une forme autobiographique, leur propre auteur. Cette mise en scène de l'écriture prend des formes variées et parfois fort éloignées de la stricte création littéraire. Dans le dernier roman de Rosa Montero¹ par exemple, la protagoniste travaille sur un inédit de Chrétien de Troyes : le long travail d'établissement du texte se convertit peu à peu en un exercice de réécriture d'autant plus fondamental qu'il revêt des implications véritablement existentielles. On retrouve la même préoccupation dans un des romans de Carmen Martín Gaité (*Irse de casa*) et de Josefina Aldecoa, *Porque éramos jóvenes*, deux romans où l'écrit (sous forme de fragments épars ou de lettres) joue également un rôle déterminant dans la reconstruction intérieure du personnage féminin.

Cette reconstruction intérieure du personnage féminin constitue d'ailleurs un des points de rencontre les plus prégnants pour ce qui concerne la production littéraire féminine espagnole de ces dernières années. Certes, cette problématique n'est pas nouvelle mais elle est désormais devenue quasi omniprésente se déclinant sous des formes variées et originales. Sans rentrer dans une étude détaillée des textes, on peut constater que cette quête identitaire suit une évolution, répondant, dans un premier temps, à l'urgence testimoniale d'une génération féminine longtemps bâillonnée (le roman de Rafael Chirbes, *La buena letra*, nous en offre un

exemple) et devenant peu à peu un jeu plus ou moins complexe de reflets et de dédoublements : la quête devient enquête mais ne perd aucunement de sa profondeur existentielle (*Malena es un nombre de tango*, Almudena Grandes, les romans de Belén Gopegui, de Adelaida García Morales, etc).

Enfin, il est manifeste que la production littéraire des femmes témoigne, et ce actuellement mais aussi pour une époque moins contemporaine (comme en témoignent les études sur María Teresa León, Concha Méndez), d'une volonté de renouvellement de la forme littéraire : les textes sont revisités, les genres sont subrepticement ou ouvertement subvertis. Cette prise d'indépendance par rapport à la « chose littéraire » est particulièrement notable dans le domaine du théâtre et de la poésie. Ainsi María Zambrano, s'intéressant à la figure d'Antigone, reprend et remodèle les textes de Sophocle et de Jean Anouilh, María Maizkurrena² explore toutes les possibilités d'une poésie urbaine et ancrée dans le quotidien. Toute une nouvelle génération de jeunes femmes dramaturges a fait émerger des paroles originales, subversives, dérangeantes qui disent non pas seulement le féminin mais l'humain même. C'est le cas, entre autres, de Maribel Lázaro et de Luisa Cunillé, deux jeunes femmes dramaturges dont les textes ont fait l'objet d'une analyse au cours de ce colloque.

Ce rapide panorama ne propose qu'une vision incomplète de la totalité des interventions et des communications, reposant, pour la plupart, sur une analyse précise des textes littéraires et respectant ainsi l'absolue unicité de chacune des écritures. Cependant ce postulat de travail ne s'est avéré nullement préjudiciable à une analyse plus générale.

C'est ainsi que, pour achever ce bilan, nous dégagerons plusieurs remarques synthétiques voire, peut-être, quelques conclusions nous permettant de progresser dans cette problématique complexe qu'est l'écriture de la femme dans le domaine littéraire.



Il semble tout d'abord que la problématique de l'écriture et de la femme en Espagne ne se pose pas dans les termes avec lesquels elle s'est déjà largement posée, en particulier dans le domaine français et anglo-saxon. Survenue dans un contexte socio-historique différent, de façon plus tardive, la prise de parole de l'écrivain féminin n'a pas le même sens - ce qui, d'ailleurs, n'empêche nullement des croisements très fructueux avec des textes français ou anglo-saxons -. Pratiquement tous les auteurs dont les textes ont été étudiés lors de ce colloque - essentiellement des textes très contemporains - rejettent avec vigueur une quelconque spécificité féminine dans leur écriture

et, plus encore, une classification comme écrivains féministes ou féminins. Certes, des exceptions se font jour, surtout chez les auteurs ayant commencé à publier aux alentours des années 70, mais la tendance est générale et fermement ancrée dans les discours.

Mais en même temps, et ce fut bien l'objet et la justification de ce colloque, il est un fait indéniable - que ces mêmes auteurs, au prix, parfois, d'un discours contradictoire, n'hésitent pas à reconnaître et à revendiquer : le fait d'être femme, avec tout ce que cela implique d'un point de vue historique, social, culturel, ne peut qu'influencer le processus de création. En effet, il ressort des différentes communications proposées, que si l'écriture des femmes ne présente pas des traits communs évidents - « toutes les femmes n'écrivent pas pareil » - elle est cependant générée par un rapport au monde, à l'Histoire, aux autres (en particulier à la figure paternelle et maternelle), à la littérature, différent.

Par ailleurs, il semble qu'il faille se garder d'un mirage égalitaire, savamment orchestré par les opérations publicitaires du monde éditorial ibérique. Dans l'état actuel de la situation, la production littéraire féminine ne peut être considérée de la même façon que la production littéraire masculine - ne serait-ce que d'un point de vue strictement quantitatif - : de fait, elle est souvent présentée, implicitement ou explicitement, comme une prise de position critique et revendicatrice. Pourrait-il en être autrement quand on pense que l'espace littéraire a été fort peu investi par les femmes espagnoles ? En Espagne par exemple, l'inexistence, ou plutôt la méconnaissance des écrivains

féminins au sein des Générations 98 ou 27 sont révélatrices. Par conséquent, il est logique, dans le champ d'une investigation scientifique de considérer cette production littéraire féminine comme un phénomène nouveau, sans pour autant l'opposer à une littérature plus traditionnelle qui serait, elle, masculine.

Bien plus, et plusieurs travaux convergent vers cette orientation, il se peut que cette éclosion, au lieu d'être un épiphénomène, corresponde à un véritable renouvellement de la création littéraire, qu'elle soit, alors, la quintessence, la manifestation la plus marquée d'une nouvelle pratique et d'une nouvelle perception de la création littéraire en Espagne.

Ainsi, pour ne prendre que ces deux exemples, l'incorporation au sein de la fiction d'éléments biographiques (débouchant dans bien des cas, sur ce que l'on appelle des « romans intimistes », « l'autofiction » ou des romans retraçant de véritables quêtes de l'identité) et dans un autre domaine, le jeu avec la littérature (phénomènes d'intertextualité, métatextualité, hypertextualité...) sont des pratiques omniprésentes dans la littérature postmoderniste espagnole, ibérique et occidentale. Ce qui se produit dans le cadre de la littérature produite par les femmes, c'est que ces tendances générales revêtent des traits plus particulièrement accusés, plus évidents, comme si ces nouvelles perspectives qui s'offrent à la création littéraire constituaient pour les femmes une ouverture propice à la prise de parole.

La ségrégation entre « auteurs féminins » et « auteurs masculins » s'en trouve par là-même dépassée même si, et cela paraît indéniable à l'issue de ce colloque, la différence existe, en particulier dans le rapport à l'écriture (plus que dans les formes que peut prendre cette écriture) ●

Nadia Mékouar-Hertzberg
Maître de Conférence
Laboratoire des Langues
et Littératures Romanes
Université de Pau et des Pays de
l'Adour